



Gaiato

Avença



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI - N.º 138
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
11 de Junho de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

UM SINAL

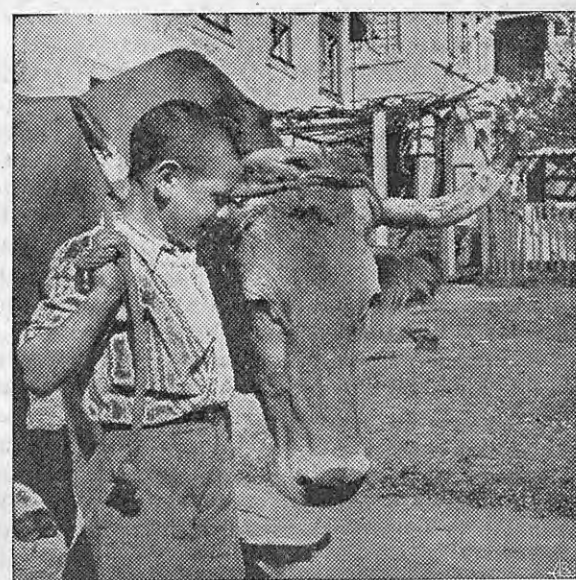
Antes de fazer entrega da pasta ao Padre Adriano, fui com ele a Penafiel dar-lhe procuração e apresentá-lo às autoridades concelhias; as quais todas disseram que estimavam conhecer o senhor padre Adriano e este disse que também tinha estimado muito conhecer as autoridades, e o mais que diz respeito às conveniências sociais. O que arrumado, também fui com ele ao Porto, apresentar-lhe os nossos amigos do barrêdo. O caso aqui era muito mais sério; mais importante. Ele ia tomar o pulso das verdadeiras colunas da nossa obra; conhecer de perto os nossos verdadeiros amos e senhores.

Era de tarde. Enchemos de laranjas as mangas das nossas batinas para termos que dar às crianças e aos doentes. O meu companheiro não se mostrava admirado com as pessoas e coisas que íamos vendo. Ele anda afeito a estes panoramas. Nós somos os Padres da Rua. A tarde, mesmo com o ser de verão, não chegou a meia missa; ficou muito por ver do pouquinho que nós vimos. Ele irá depois sózinho.

Tinhamos, como digo, comprado laranjas. Ao entrarmos numa toca aonde estava

um dos doentes, notei que tinha dado o meu quinhão. Abrimos conversa. Os doentes da toca têm sempre muito que dizer. E se lhes falta a força, não assim a razão. Têm muito que dizer, sim; houvesse ele quem os escutasse... Esquecido de que já não tinha laranjas, procurei-as na manga da minha batina para dar uma ao doente. O meu sucessor estava ao pé. Viu a minha aflição. Deu-me duas que trazia delicadamente, amorosamente; e eu dei-as. Eis aqui o sinal. Pudera ele tê-las dado directamente; que mais fazia ser ele ou eu a dar? Mas não. Não quiz. Privou-se de um gozo espiritual e quiz que o meu fosse pleno.

Eis aqui o sinal. Sinal do valor da Obra. Promessa da sua continuidade, sustentada e dirigida por normas simples e fortes de um amor perfeito. Bastou uma laranja para fazer e dar esta lição. Laranjas compradas na tenda, a uma tendeira e discutidas por muita gente. Mas que importa? A Caridade iluminou a laranja. Num quarto aonde não entra a luz, à beira dum doente sem esperança, esta laranja é luz do mundo e certeza duma obra que nele se há-de perpetuar.



Casa de Miranda. Mansidão e inocência. Outra vez a nossa vida; a vida das nossas casas. Em todas elas, são os animais domésticos que movem e comovem as nossas crianças. O Padre Manuel, que risca na Casa de Miranda, comprou há dias uma máquina fotográfica pela qual deu muito dinheiro. Eu pinte a macaca; que tinha sido muito cara e que nós temos de poupar. Mas agora digo que não. Diante da beleza surpreendente destas fotografias, eu digo que o homem não vive só de pão.



Aqui é a Casa do Gaiato de Lisboa. Não é por mal; nós, em pequeninos, choramos por tudo e por nada. Como tivesse dado a hora de trabalhar, o pequeno não quer ouvi-la, por causa da bola que tem na mão. Choramos por tudo e por nada.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 162.000\$00

E de Lisboa com a primeira prestação. E Lisboa a valer por quinze; são três netinhos. E outra vez de Lisboa com a primeira prestação; deixei de comprar o Diário de Notícias e assim posso mandar todos os meses a minha prestação sem alterar o orçamento caseiro. Nem eu, que fui o seu fundador, tenho a capacidade de medir e julgar esta obra maravilhosa! E uma prestação de Santarém. E uma de Chaves. E uma de Peniche; notem os senhores que estas migalhas são todas de pessoas resolvidas a chegarem aos cem escudos cada uma. E o pessoal dos serviços municipalizados de Coimbra que se juntaram todos e dessa união saíram quinhentos e quarenta e cinco escudos. E Tete. Os senhores sabem aonde fica Tete? E' em Portugal. E' um português que fala de lá para cá. E Valadares; é do primeiro dinheiro de alguém que começa a ganhar a vida. E do Estoril. E de Lisboa; é uma prestação. E de Coimbra; é uma professora do Liceu com quinhentos escudos, a que ela chama gôta do seu suor. Diz-se uma leitora assidua do Gaiato e agradece a luz que a Obra vai espalhando no seu Portugal. Tudo isto é simplesmente admirável. Torno a dizer: eu sou um anãozinho, eu sou um pobrinho. Sou eu quem menos sabe da luz e da grandeza que inunda as almas, a tal ponto que uma trabalhadora de Portugal dá o suor do seu rosto e por ciúmes de quem ama, chama seu ao que é de todos os portugueses: O meu Portugal. Mais uma prestação;

dentro de poucas semanas creio poder satisfazer a minha obrigação. E cem por alma da minha querida Velhinha falecida a 3 de Maio. E mais cem. Uma libra em oiro da Maria Florinda. Para além do Tejo não há ninguém que a não conheça e a não estime. Ela torna cá. E do pessoal da Vacuum de Lisboa mil e quatrocentos escudos. A gente só ouve falar no pessoal e mais pessoal e outra vez o Pessoal; os Senhores, esses costumam andar embebidos em coisas mais importantes...

Uma alentejana que dobrou a parada no nosso Lar do Porto. E as costureiras do Hospital Geral de Santo António, que vieram cá trazer cento e cinquenta e um escudos. Disseram elas que a costureira Chefe também entrou. Dentro da saquinha de chita, além daquela quantia, vinham moedas de prata embrulhadas em papéis pequeninos com declarações luminosas: Isto é do meu filho. Quer isto dizer que as mães juntaram a si os seus filhos e vieram todos juntos dentro duma saca tão pequenina.

E do Porto; os pobres vão de vagar diz a carta. Alto lá; não diga assim que diz mal. Os pobres vão a passo de gigante. E' o amor que os faz caminhar assim. Com passos de gigante desceu à terra o nosso Salvador. E do Porto; é da minha gratificação anual. E uma prestação do Porto. E um na marca de Torres Vedras. E de S. João da Madeira a dobrar. E outra vez S. João da Madeira. E o pessoal da Litografia Progredior.

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

MIRANTE DE COIMBRA

"VISITAR OS PRESOS"

Pensava eu, sempre que, por necessidade, entrava na Penitenciária, que aqueles homens sinistros, sombrios, descordados, de fato de ganga em desalinho, números nas costas e peito, nas pernas e boina, eram de pedra; que não sentiam, não pensavam, não amavam. Que muito odiavam, sabia.

Não sei que dor me dava no peito, ao vê-los assim tristes e desconfiados, a olhar de soslaio, habituado a ver os nossos gaiatos a rir, cantar, fazer distúrbios.

Os pensamentos, em regra, ao sair, lutavam com o coração. Perguntava-me que crimes os levaram lá. Se também algum crime os levou ao crime. Queria saber se, um dia, tiveram um lar, pobre, muito embora, mas feliz, o braço forte dum pai a dar o pão; o carinho amoroso duma mãe a distribuí-lo; os sorrisos traquinas de irmãs a dar vida e alegria. Se com o suor dum rosto viril e a boa administração duma dona de casa, algum dia lhes faltou o pão e, com ele, a razão da paz do lar. Se, em cidade, vila ou aldeia em que nasceram e brincaram e riram — se é que algum dia, souberam rir — havia luz e ar, sol e flores e mais crianças alegres.

E queria saber mais. Investigava, sozinho, distraído ao volante do «Sinca» de serviço dos gaiatos. Pensamentos e afectos em choque. Desejo de berrar ao mundo que vai errado, que perdeu o caminho do amor; quase instinto de revolta, por saber possível melhorar tudo isto; gosto forte de trabalhar mais e mais na procura dos vândios da Rua, no amar os que já temos com receio de que, um dia, se o não fizermos, nos venham parar a estas celas duras e frias.

Teimosamente afirmo e vivo esta certeza: «Não há rapazes maus». Venha à Casa do Gaiato quem pensar doutro modo; veja com olhos de ver e coração grande, aberto, copie do Mestre como se compreende e perdoa e exige, e acabará por concordar. Casos difíceis temos topado. Continuamos na mesma: ou desorientados, desaproveitados, ou anormais.

Gostaria de gritar a todos os fariseus e sacerdotes que passam de lado, tantas vezes com um olhar de desprezo pelo irmão que jaz ou se debate inutilmente, que não há rapazes maus; que não seja desculpa do não querer dar a mão à inutilidade dos esforços, sim o nojento egoísmo que os leva, mais tarde, talvez, a ser vítimas dos a quem desprezaram.

Depois disto, perguntava-me: afinal, no fundo, de quem a culpa de encerrados dia e noite, semanas e meses e anos, quantas vezes sem luz, sem esperanças na justiça humana, não conhecendo ou perdendo de vista outra mais compreensiva, mais justa, mais misericordiosa, longe do amparo da esposa e filhos, estes ao abandono, sem arrimo, na mesma escola de crime — a Rua — com companheiros viciosos, todos a aproximarem-se incautamente do banco do réu, das grades de ferro que lhes vedam o mundo, a esperança? Sim. No fundo de quem a culpa? Ou de Deus que nos criou assim incautos e mal inclinados, ou dos homens que não nos põem grades amorosas para não cairmos. Posta de parte a primeira, restamos a segunda.

O anonimato paterno, com a incapacidade e insuficiência materna. O injusto salário de um chefe de família em cujo lar «todos ralham e ninguém tem razão». O insuficiente para um rapaz constituir o lar, com a possibilidade da aventura amorosa. A deformação dum pai-monstro que deserta, fiel ao dogma diabólico do tal *amor livre*. A taberna, de guela escancarada até altas horas da noite, a tirar ao convívio familiar o chefe, as férias da semana, o sustento de todos, a paz do lar. A incapacidade de educar, porque ninguém dá o que não tem. A fuga do trabalho, a vadiagem, os estragos do cinema mau, os livroides de exploração miserável, revistas e jornalecos do mesmo quilate — tudo isto, ai de nós! — impunemente vendido nas barbas da polícia, não são isto tudo, grades partidas, podres, onde os inocentes e incautos se encontram e caem?

Tremia ao ligar esta realidade triste a esta mil vezes mais triste da cela.

Não queria duvidar da justiça que os colocou lá. Mas confrange saber que funciona em base solapada, a remediar — triste remédio! — o que deve ser prevenido, mais baratamente. «E' mais barato prevenir crimes do que suportar criminosos» — é a tese do «P.^o Américo».

frente. E é isto, precisamente, que entristece. Nem criminalidade, nem os vândios da Rua diminuem automaticamente por virtude mágica das verbas na construção de cadeias. O problema não pode, tão pouco, resolver-se em pequeno espaço de tempo. Toda a educação é lenta, e este é, fundamentalmente um problema de educação que não pode ser em série. Com que respeito, digo bem, respeito, tratava o Mestre, sobretudo os doentes da alma! Quanto mais doentes, mais delicadeza.

Pobre Pedro — a esperança grande — se depois da triplice negação, fosse tratado à nossa maneira míope. Mas não. A promessa do primado continua de pé, mas a lição aproveita. Contudo só Judas foi mais longe na infidelidade e não veio, por desespêro. A medida da confiança, da esperança é a medida do amor. Os homens prendem-se pelo coração; se não ao bem, ao mal. Se não os elevam — porque descer é fácil — caem até à masmorra. No fundo, só culpa deles?

«Quantos de nós não estariam aqui, se tivessem tido uma casa destas» — suspiravam tantos depois de verem o nosso documentário «A aldeia dos Rapazes da Rua».

Levamos cinema aos presos. Cinema dentro dos corredores gradeados, escuros e tristes. Cinema Sonoro. «Abençoada Obra» — diziam mais as lágrimas nos olhos do que a voz entrecortada de tantos. «Isto é formidável!» — ouvia-se a cada intervalo.

Que alegria a daqueles vultos soturnos, ao saberem da alegre notícia de cinema para eles!

Que alegria a nossa ao vê-los esquecidos do sofrimento, da tragédia da sua vida, ora lacrimosos, ao pensar, talvez, em certo passo em falso, na vida passada. Certamente aquele que decidiu toda a sua vida de delinquência e de crime, talvez a pontinha de remorso; ora abertos ao sonhar com uma vida melhor, para si, vida possível na esperança, impossível, na realidade.

Os disparates do Ernesto — o gaiato intérprete — eram-lhes familiares a tantos. Riam. A emenda e lições do mesmo caíram-lhes em cheio. Alguns choravam.

Gostaram e pediram mais; voltamos graças à boa vontade e gentileza dos rapazes da secção de cinema da Associação Académica a quem apresentamos o nosso reconhecimento.

Uma sessão em forma: «Um Alarme na Cidade dos Rapazes», dois documentários de desenhos animados e um cómico. Nova colheita, melhor ainda. O silêncio geral apenas cortado por inter-

(CONTINUA NA 3.^a PÁGINA)

A nossa tipografia

Continuação da 1.^a página

E um de Torres Vedras a valer por quatro. E um do Porto a valer por um. E Lisboa com meia razão. E do Brasil um a valer por quatro. E Lisboa. E Vila Nova de Ourém. E Alcains. E Vagos. E Lisboa. E Lisboa. E Lisboa com meia razão. E Aveiro. E duas professoras mãe e filha. E mais duzentos. E Lourenço Marques com trezentos e setenta e sete mil e quinhentos. Também lá falam os Pequenos. Os sacrificados, — que vão dando todos os meses conforme as suas posses. Quem está para aí a dizer que os pobres vão devagar? Fosse isto dito dos ricos, e eu diria que sim. Mais uma prestação de Coimbra. E um X com mil escudos; é do Porto. E uma prestação de Gaia. E de Lisboa. E os rapazes do Seminário do Porto também dizem que sim e juntaram-se com cento e vinte e cinco escudos. E vai um Sacerdote do mesmo Seminário com cem escudos. E logo ao pé vai o pessoal da Camisaria Dunia com cento e oito escudos e quarenta centavos. E um de Torres Vedras. E um de Vila do Bispo. E um de algures. E um de Valado. E uma prestação.

E de Benguela. E de Nova Lisboa. E uma libra em oiro de uma mãe extremosa. E outra dita de um assinante da Figueira da Foz. E mais outra de Lisboa. Temos nas fileiras a dinastia reinante da Grã-Bretanha. Mais quinhentos de um visitante. Outra libra de um visitante. E Viana do Castelo. E Proença-a-Nova. E da Marinha Grande. E do Seminário dos Olivais com uma prestação de cinquenta. E um Sacerdote de Samodães. E de um

Eu vou ó Brasil

E' até muito provável que ao receberes estas mal notadas linhas, eu vá sobre as águas do mar, a caminho da terra cobiçada. Cobiçada, sim pelas multidões que precisam do mundo para viver. Eu não. Eu vou ali por outras razões. Eu preciso do mundo para morrer.

Antes de fechar as portas das casas da Obra da Rua, eu quero-te dizer quem lá fica dentro; é meu desejo dar contas de tudo, por quanto a obra é realmente de todos. Ela é a menina dos olhos de Portugal. Na casa de Lisboa, fica o Padre Luiz e uma governante e uma costureira e uma professora e o Manuel Pedreiro por chefe e o Pedro por cronista e os alicerces da casa agrícola já com muitos palmos fora da terra. E também ficam patos e galinhas e carneiros e porcos e bois e gatos e tudo. E também ficam muitos *missangas*, nome por que são ali conhecidos os *Batatas*, e estes é que são o peso. Do Tojal passemos a Coimbra. Ali temos o Lar dos rapazes dos Reformatórios com sua perfeita autonomia. O chefe risca e súbditos obedecem. Padre Manuel tem ali um dia por semana. E' a presença. Temos mais naquela cidade o Lar dos gaiatos com sua governante e costureira e professora e o mais que nós sabemos. Subindo, encontra-se a Casa de Miranda com Padre Manuel ao léme, seu estado maior também, todos ocupados em resolver os sarilhos que são pertença das nossas casas. Subindo mais um nada, temos o Lar do Porto com seus gaiatos. Tudo como em Coimbra.

E agora estamos em Paço de Sousa. Oh reboliço! Aqui fica Padre Adriano com o telefone ligado para o Tojal, para Miranda do Côrvo, para o Lar de Coimbra e para o dito do Porto; e também para dizer que não, às senhoras que telefonam a pedir entrada para um *menino muito bem comportadinho*.

Inteirado como ficas, leitor, desta face da nossa obra, vou agora explicar como vai ser do jornal; os cronistas passarão a dar conta dos casos mais interessantes das nossas comunidades. O de Lisboa é já muito conhecido pelo seu poder de observar e graça de dizer.

As coisas mais graves, ficam a cargo dos três Padres da Rua, e o Herlander dirá do Lar. Eu cá também me não calo. Eu conto escrever maravilhas. Eu vou cantar um cântico novo aos portugueses do Brasil e isso é precisamente o maravilhoso da minha jornada.

Dinheiro? Sim. Nós temos de alargar a obra. E' preciso construir nas proximidades da nossa aldeia um bairro de casas limpas e humildes para garantir a vida dos rapazes de boa vontade. A sua necessidade não se discute. Eu já disse ao arquiteto de quantas casas precisamos e como elas hão-de ser. São tudo contas certas, diria mesmo exactas, porque o seu fim também o é. Olhemos ao fim. O fim é a corôa. Hei-de trazer. Hei-de-me consolar de distribuir. Muitos hão-de chorar de alegria ao receber e eu muito mais ao dar. Três elementos entram nesta minha certeza das coisas: o primeiro é a natureza da Obra. O segundo é a bondade dos homens. O terceiro é a Pátria, que quanto mais distante mais querida é. São três amores.

Mas há mais. Há mais, este acontecimento, que não é de maneira nenhuma o mais pequeno, por ser o último aqui relatado: Os Armadores do paquete «Serpa Pinto» quiseram pôr à minha disposição um camarote de primeira classe; e o mesmo fizeram os do «North King». Servir a Deus é reinar.

outro de lá perto. E de Gondomar. E um senhor que diz na carta esta coisa verdadeiramente assombrosa: *Por ter experimentado dificuldades na minha vida em virtude da numerosa família que tenho, resolvi especular com as promessas de Deus e mando aqui cem escudos*. Tudo aqui é sólido: A razão das suas dificuldades e maneira singular de lhes acudir. Com quanto se me afigure serem bons musicos os que formam o cortejo, estou em dizer que a esta nota, por subida, poucos chegarão.

E da Suíça; da Suíça!! E do Pároco de Santa Cruz da Trapa.

Ora vamos a contas:

Atrazado . . . 162.000\$00

Agora . . . 13.000\$00

175.000\$00

Só faltam 325 contos: Já faltaram quinhentos deles.

Mirante de Coimbra

(Continuação da 2.ª página)

jeições, o apropriado e bom desempenho do filme, devem ter mostrado que aqueles quase trezentos homens estavam ali inteiros, a aproveitar as lições que lhes fizeram falta noutro tempo. Conhecem a «Obra da Rua». Mais. Amam-na. Lêem «O Gaiato» do qual fazem duas colecções. Quizeram cotizar-se para oferecer, como prova de reconhecimento, este esforço das fracas possibilidades.

«Obrigado, em nome de todos» - dizia um que, de propósito ficou para o fim.

**

Não poderíamos dizer também que muitos não estariam lá, se houvesse mais Casas do Gaiato?

Pois então, mais casas do gaiato, porque menos cadeias. Mais carinho e ajuda dos que devem, podem, para não recorrer a tristes soluções de abrir mais cadeias, a remediar o que somente assim pode ser evitado.

E' obra de misericórdia visitar os presos. Mas quando as lições dos P.º Américo e Flanagan são apanhadas de alma e coração abertos, então é, porventura, a melhor esmola que podemos levar-lhes.

P.º MANUEL.

Do que nós necessitamos

Mais de um amigo de Alandroal alguns pequenos donativos colhidos naquele povo. Mais pelo correio uma carta e dentro uma nota e meia folha de papel a dizer: *Deus vê tudo*. Se nós fossomos capazes de dar uma definição adequada de Deus, ela estava naquela frase; Deus vê tudo. Assim, baste-nos a certeza que assim é e assim acontece; e governe-se cada um por aquela verdade. Eu cá faço assim. Mais uma chuva miudinha de quantias de dinheiro e de encomendas postais que vêm ter todos os dias, de todas as terras a esta nossa aldeia. Eu acho que nós somos a obra de assistência particular que mais dá que fazer às correias e mais que falar ao mundo. Mai, três Senhoras que aqui vieram ontem e deram ao Avelino uma carta fechada. E' ele quem mas descreve; eu não estava: *Olhe eram duas senhoras de preto, e uma de casaco castanho e não disseram de onde vinham, e não eram pintadas e aqui está*. Foi-se a ver; uma carta cheia de notas de conto.

Mais a passar de nove contos dos senhores que quizeram ir ver ao campo da Constituição como os nossos empataram. Mais à beira de sete contos dos Senhores que quizeram vir dar tiros aos pratos no nosso campo da bola; e também a passar de quinhentos escudos dos pasmadinhos que entraram pela porta para ver. Mas o Avelino acaçou-me este dinheiro e diz que é para o fundo de reserva no nosso club da bola. Eu refillei. Eu disse que se tratava de um torneio e não de um jogo de bola. Fomos a votos, mas eu perdi. Fiquei sem o dinheirinho e arrumou. Também no mesmo dia de cá houve no Porto um outro torneio, cujo produto se destina à gente, mas por enquanto não sei dizer a quantia. E já que estou com a mão na massa peço licença, para avisar todos quantos se proponham realizar festas a favor da nossa casa; e pedir-lhes que não façam nada, nem publiquem nada sem primeiramente dizerem alguma coisinha para cá. Sim. Pode ser que essas festas não nos estejam a carácter, como já tem acontecido. A estrutura da nossa obra é difícil de penetrar; nós não podemos dizer que tudo quanto venha à rede é peixe. Mais um homem que veio a nossa casa dizer da sua extrema necessidade e que já tinha vendido tudo e que o remédio que agora havia de tomar custava à beira de um conto e queria salvar a vida; e o mais que um naufrago te diria a ti se estivesse à beira do perigo e tu, salvo, o podesses salvar. Eu escutei. Tudo quanto o homem dizia era verdade: Não sei porque luz divina começo a ver nele a figura e a beleza de Jesus de Nazaré. Estava ali à minha frente o Salvador a pedir-me que o salvasse! E eu coloquei-me no meu lugar. Oh mundo ignorante e infeliz; pede esta luz! Compreende esta luz! A medida que usares nas aflições verdadeiras do teu irmão, essa mesma, coagulada, usará o nosso bom Deus para contigo. Exemplo: Mal tinha acabado de atender favoravelmente e totalmente este caso, eis que chega uma carta. Abri. Estava lá o dinheiro! Jesus Nazareno, um dia, naquele tempo, precisou de pagar o tributo a César e foi buscar o dinheiro à barriga dum peixe. Lição: A medida de receber muito, é dar bem e sempre. Já sabemos quanto

O que nos dão no Tojal

Abro esta espécie de crónica com a palavra de uma operária de Lisboa que nos escreve no dia da Ressurreição do Senhor.

«Como no domingo passado não vi nenhum dos operários da Grande Obra e só a ele queria entregar porque um me deixou trazer o último número sem eu pagar (porque não tinha dinheiro) quero também confiar neles por isso esperei para hoje lhe mandar esta». E vinham cem escudos.

Não olhei para o português nem para a apresentação da carta, olhei para a sua doutrina.

Ninguém perde quando dá porque o dar é a garantia mais segura de receber.

Está aqui o grande erro dos avarentos, não dão. Se muito dessem mais receberiam senão nesta pelo menos na outra vida.

Um jornal dado trouxe-nos cem escudos. Vejam.

Mais adiante a mesma operária pede que rezemos por duas pessoas que muito mal lhe têm feito.

A isto não digo nada; prefiro deixar dizer. Amar os inimigos encerra algo de sublime que parece ultrapassar a natureza humana. Na verdade foi Cristo quem nos deixou este preceito que os sábios e escritores pagãos desconhecera.

A filantropia dos humanamente bons não chega aqui. Fica muito aquém. Falta-lhe Cristo.

Da boca dos pequeninos saem verdades eternas. E o Senhor prefere o louvor deles.

— Os visitantes têm diminuindo. A primavera é sempre época de esperanças. Estou a ver que ela veio e vai deixando-nos só com esperanças.

Mas essas ao menos não as havemos de perder. Será por causa do velho casarão que habitamos? Que ninguém se assuste porque nós vivemos nele em paz.

Apesar disso os poucos que vieram explicar-se bem. Talvez deixassem sangue mas tenho a certeza que levaram mais alegria que trouxeram. E' que o dar é sempre fonte de alegria.

— De um seminarista que durante as férias não dispensa uma visita a nossa casa 50 escudos e por intermédio de um coadjutor de Fátima outros cinquenta.

De Bucelas cinco litros de azeite. São de alguém que por não ter filhos olha pelos filhos de ninguém.

Mais um donativo de vinte e 255 de assinaturas.

Mais uma pancadaria de púcaros de alumínio. O número anda por algumas dúzias.

Por serem pequeninos e jeitosos foram destinados para a lavagem de dentes.

O Mendonça é que vai ficar desolado. Ele tem escova e pasta dentífrica. Arranjou uma fitinha de seda e todos os dias depois de se servir coloca uma e outra coisa penduradas no leito em género de alforge. Agora lá se vai o engenho.

— Mais livros, calções, meias, camisas, jogos, etc.

Para a tipografia mais cem e ainda um donativo de quarenta. De uma família cristã um fato e camisas, camisolas, gravatas, óculos e brinquedos.

O pessoal de uma nova Sociedade no dia do jantar da sua inauguração trouxe-nos uma quantidade imensa de bolos. Alguns foram logo comidos, não fossem eles estragar-se, os outros foram guardados para o Domingo seguinte. E' que o Domingo é o dia do Senhor. Não pode ser um dia como os outros.

Mais revistas da Mocidade Portuguesa e outras de toureio espanhol oferecidas por um Senhor que nutre especial devoção pelo nosso Rouxinol e que parece andar muito empenhado em o vestir dos pés à cabeça.

Da Sociedade dos Produtos Lácteos a conta de 356\$50. Estas contas dão sempre certas. Certas porque são espontâneas e pontuais.

E mais nada.

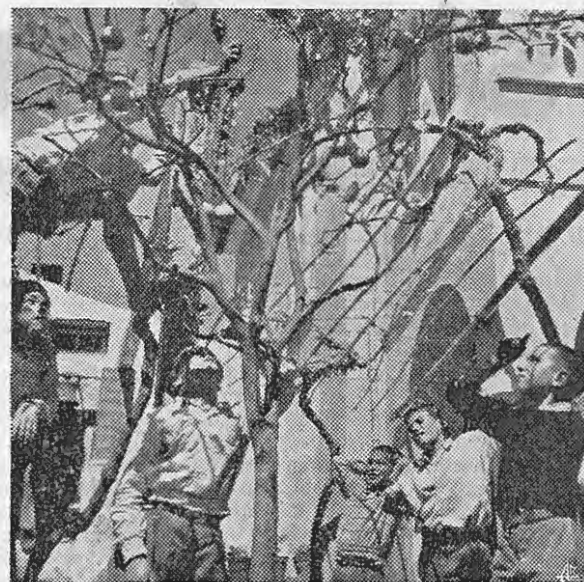
P.º LUIZ

rendeu o torneio aos pratos do Clube de Caçadores do Porto; andou por três contos.

A bem dizer, a gente não vai ao Brasil por via do dinheiro. Não somos impelidos por essa necessidade. O Pai Celeste sabe tudo de tudo e não deixa à míngua aos que chamam por Ele. Não pode deixar. Ele é Pai. Outro motivo nos leva; implantar nas almas o desejo de dar para que o gozo dos que nos conhecem seja pleno.

Sim senhor; Fonte da Moura pode deixar o que quiser no nosso Lar do Porto e entregar ao pequenino porteiro. Recebeu-se a carta de Abril e também esta ultima.

Flores eucarísticas, sim; recebemos, mas antes queríamos as plantas.



Está aqui um friso da nossa casa de Miranda. Os rapazes colhem fruta. Dantes era roubada. Era a luta desonesta por uma vida ingrata. Era o medo e a desconfiança dos homens. Hoje não é assim. Eles hoje no que é deles, colhem a fruta deles para eles.

NOTA DA QUINZENA

Estava o Morris pronto, eu também, e zô pé um pequenino que há pouco trouxera do Porto. Eu ia justamente sair para aquela cidade. Dirigi-me a ele e perguntei-lhe se queria ir comigo, ver a sua mãe; um passeio, uma tarde de sol e no fim a mãe! Quem puderia resistir? O pequeno Alberto, que assim se chama, fitou-me com olhar meigo, sem nada responder.

Ele hoje está transformado do que era quando veio; tem mais cor, tem mais sangue, tem mais vida. Tem o que lhe é dado e o que merece. Eu insisti na pergunta e quis saber da boca dele se não gostava da mãe. *Não, mas gosto*. A fala não é do Porto, como os leitores estão vendo. Trouxe-o comigo de lá, sim, mas ele é natural de Rezende. Informado por ele mesmo de que gostava da mãe, fingi estranhar que a não quizesse ir vêr, e faço nova pergunta; foi se a mãe não gostava dele. *Não, mas gosto*. Estava agora inteirado dos dois amores; o amor do filho à sua mãe e o desta ao seu filho.

Alguma coisa de grande se devia levantar na vontade desta criança para assim o impedir, de ir ver a sua mãe. Ele o disse e eu já sabia o que era: *Ela não tem que me dar de comer*. Isto foi ao pé do cruzeiro da nossa Aldeia. Estava eu mal-lo Alberto.

No recreio brincavam uma centena de rapazes. Tomei o meu lugar dentro do carro e segui a caminho do Porto. Não sei porque bulas, encontro naquela tarde a mãe do meu pequeno. E' uma mulher ainda nova, esmagada do tempo e dos trabalhos. Ela é mãe de nove filhos e o mais novo deles, que é este que eu tenho, tinha-me dito à pouco, pela sua boca inocente, toda a sua amargura: *Ela não tem que me dar de comer*. Apenas me vê, vem ter comigo e começa a fazer perguntas a respeito do seu filho; éle é o seu mais pequenino. Foi o filho derradeiro. Quer saber se éle tem perguntado por ela; se éle tem perguntado muitos vezes por ela. Para ser exato, devia ter-lhe contado a cena que em casa se passara, momentos antes de sair de lá. Mas não; isso seria juntar dôr à dôr. Temos que ser flexíveis.

Disse-lhe que sim. Que o seu filho perguntava muitas vezes por ela. Que até nos primeiros dias chorava de saudades. E ela ficou contente.

Primeiro ponto. A aucação dum inocente a um mundo que tem culpas.

Segundo ponto. A necessidade de estudar melhor maneira de acudir e remediar as famílias pobres na terra da sua naturalidade, impedindo com firmeza e suavidade que elas procurem a miragem das cidades. Este é um caso, mas nós sabemos de muitas centenas deles. Esta mulher fazia uma terra que entregou depois de ficar viuva e vai até ao Porto com os seus filhos, julgando encontrar amparo em duas filhas que ali tinha a servir. Eu não quero dizer aqui aonde e como se encontra instalada. Não vale a pena. Não viria daí nenhum bem para nós. Agora o que eu gostaria é de saber que em todos os concelhos e até freguesias do nosso Continente, houvesse alguém com o poder e o saber de impedir e remediar estes males a bem da Nação.

Isto é a Casa do Gaiato

TEMOS hoje um soneto nesta secção. Não é costume meu dar á estampa versos que para aqui mandam com esse sentido. Mas achei um tal sabor e uma tal oportunidade deste soneto, que me não furto a dar-lhe publicidade. E' que realmente aqui na aldeia ainda há exitações quanto ao Moreira; de vez em quando, numa ou noutra bôca, ainda aparece o nome de Piriquito. E a sua própria mãe assim lho chamava num postal que há dias aqui se recebeu. Por isso mesmo aqui vai o trabalhinho de um assinante de S. João da Pesequeira:

Não entendo; portanto acho esquisito,
—(A não ser que isso seja brincadeira),—
Que continui a chamar-se «PIRIQUITO»
Ao conspicuo senhor, que é já «Moreira»!

Pois bota-se ao jornal que «O Piriquito»
Passava a ser senhor éfe Moreira,
É continua o mesmo rapazito
Com a velha sua alcunha?!—Que asneira!...

Assim, vejo e reparo que o «GAIATO»
Publicou um relato desportivo
É o senhor Moreira é, no tal relato,

Chamado, ainda pelo nome primitivo!!!
Por isso, contra tão incoerente gesto
Aqui fica lavrado o meu protesto.

O precedente soneto
Foi escrito já há um mês,
Mas...—remeio-o e não remeio...—
Só agora lhe coube a vez.

É que o «Gaiato» reincide
Voltando a chamar «Piriquito»
Ao Moreira; e isto colide
Com a coerência, repilo.

Eu tenho estado a cismar e parece
que não há mal nenhum se voltarmos á
primeira forma. Pois se todos nós
conhecemos um senhor canário, senhor
pombo, senhor pintass'igo, senhor pardal;
se assim é, digo, porque não havemos de
juntar Piriquito ao nome do senhor
Moreira? A mãe dêle assim o faz!

Já que estamos com o nosso barbeiro,
eu quero aqui dizer que ele ontem me
procurou a pedir se podia comprar uma
camisa por sessenta escudos e eu disse
que sim, gostando ele da côr. O rapaz
informa que a côr não era bem bem a
seu gosto; que era um bocadinho sobre
o azul e a mim, disse; o branco é que
me fica bem. Sou moreno, continua ele,
e o branco fica-me bem. Cada vez gosto
mais deste rapaz; tem gostos, sabe escol-
her. Pois que escolha sempre bem.



AO ver-se esta simples e diria mesmo
angélica fotografia do sr. Moreira
operando na sua loja, ninguém há de
dizer das bulhas que ali se levantam,
entre ele e seus estimados freguêses.
São os preços. Os preços que ele faz a
cada um consoante a barba que o freguêz
tem e o cheirinho que lhe põe.
Eu já tenho querido implantar uma
tabela. Tenho sim senhor. Agente quando
vai aos barbeiros, lá está ela atrás da
porta, dependurada num prégio. E' o
tira teimas. Ali não há discussões.

O refeiteiro dos senhores, que era
o Norberto, foi substituído pelo
Favaio. O Favaio dormia numa
loja e era muito magrinho; hoje é outro.

Eu devo ser o homem mais feliz do
mundo por ser testemunha destas trans-
formações e ter de arranjar o dinheiro
necessário para elas. Pois Favaio sai
da cozinha com seu taboleiro e sobre este
uma bilha de leite e outra de café, esta
suja da marca de dedos sujos. Eu sen-
tei-me no meu lugar para tomar o café.
Nisto passa a Senhora das casas, nota a
porcaria e ralha. Foi o Botas diz o Fa-
vaio. Eu tenho pena do Botas. Ele
é um dos que mais trabalha na aldeia.
De manhã desperta a comunidade com o
tôque da sineta, e pega logo na sua obri-
gação de ajudante dos cozinheiros. Se sal
a menos foi o Botas; se sal a mais, foi o
Botas. E' tudo para cima do Botas.
Mas eu amo-o por outras razões; ele
tem mãe. A mãe ficou viúva e dantes
vinha cá vê-lo. Passados tempos, não
mais voltou.

Botas meteu-se a caminho tendo saído
da aldeia, clandestinamente, á hora em
que os companheiros se deitavam, e
amanheceu na Reboleira. Ali deixara a
sua mãe e ali fôra procurá-la. Ela não
estava. Botas indaga nas visinhanças e
foi dar com ela para os lados do Bomfim,
ocupada..! Por isso ela cá não vinha.
Botas resolveu regressar á aldeia. Che-
gou triste. Sem medo de mim por ter
ido sem licença, veio-me dizer que a sua
mãe nunca mais cá voltaria. Pois não.
Nem pode; anda ocupada... Desde então
comecei a amar o Botas como até ali não
amava; e também amo aquela mãe per-
dida. Eu não acredito que seja sempre
delas o passo que as faz perder.

EU estava no meu chamado escritório
quando oiço bater á porta. E'ra o
Caminha. Era o Russo terceiro e
no meio dêles um réu. Eles tinham dado
com ele ás laranjas, tomaram-no por um
braço e trouxeram-no a onde a mim.
O faltoso, tinha chegado há pouco tempo,
mas sabia que as laranjas eram fruto
proibido. Sem dar fé das coisas, implanta-
mos nas nossas comunidades a verda-
deira correcção fraterna. São normas
do Evangelho. Este modo de proceder
não pod' nunca sair de estatutos nem de
regulamentos. O réu permanecia no
meio dos dois irmãos á espera da minha
sentença. Houve pausa. Ele esperava
que eu falasse, mas eu não o fiz. Falou
ele: *V. pode perdoar-me?*

Eis uma acusação sublime e promete-
dora. Quem sinceramente pede perdão,
sinceramente se acusa.

ESTE mesmo réu, por outras razões,
houve de ser convidado a pren-
der-se na nossa biblioteca em três
domingos seguidos. Ele aceitou o con-
vite e cumpriu, de porta aberta. O rapaz
estava todo o dia com brinquedos na
mão, e estaria também com livros se
soubesse ler. A prisão de porta aberta,
faz doer e forma carácter; cá fôra o
campo de jogos em movimento, visitantes,
barulho, toda a espécie de divertimentos,

e o rapaz prêsô, de portas escancaradas.
E querem os senhores saber como isto
lhes é amargo? Eu entrei na prisão com
um grupo de visitantes, tendo-os infor-
mado do que iam ali presenciar. A todas
as perguntas do que estava ali fazendo,
respondeu diversamente sem nunca
dizer que estava prêsô. Custava-lhe,
doia-lhe; eis aqui uma humilhação que
cura as almas.

Mas há mais. Vejamos como eles se
curam e ficaremos sabendo que só com
o amor se curam. Eu ajudei o doce
prisioneiro a vencer a relutância de se
declarar prêsô. Ajudei sim; e disse-lhe
que também eu mesmo não estava livre
de entrar em uma prisão. O rapaz levanta-se
num olhar faiscante e exclama:

V. nunca ha-de ser prêsô.

Quem pode sondar a profundidade
deste grito? O rapaz solta-o porque se
sente amado.

EU continuo na casa da mata; arvo-
rêdo, passarinhos, um lago ao pé,
silêncio,—gosto da casa da mata.
Mas não há linda sem senão. Hoje queria
lavar a cara e não tinha água. Outras
vezes tenho água mas não tenho toalha.
Outras, tenho água e toalha mas não
tenho sabão. E' a variedade. Se não
fossem estas coisas pequeninas, mesmo
até as grandes, quem poderia amar a
vida?

HOUE aqui um torneio ós pratos,
como é sabido. Muitos senhores
de categoria, muitas pontas de
cigarro no chão; pontas de cate-
goria. Ao vê-las, logo me lembrei do
nosso fumador de pontas... Não me
enganei. No dia seguinte, era avisado
de que o tal fôra visto a fumar. Mande-
i chamar por êle. Eu estava na casa da
mata. Sentou-se ao pé de mim. Sim.
Tinha sido verdade. Eu digo exacta-
mente como êle disse: Passava com mais
rapazes. Vi pontas no chão. Deixei-os
ir á frente e quedei. Que sim; que não.
Apanhei algumas e escondi-me a fumar.

Esta formosa hesitação a que o rapaz
chama que sim que não, é o documento
universal das tentações e uma afirmação
da nossa fraqueza. *Que sim, que não!*
Ele chorava e eu também: *que sim, que
não!* Que mais pode fazer um rapaz
totalmente desamparado, até ao dia em
que nos conheceu? Ele há tantos que
procuram as ocasiões e êste moço
encantador, encontra-a; e uma vez ao pé
d'ela, hesita: *Que sim, que não!*

Senhor, Senhor do Céu; que os
homens chamados fortes e sábios, aprend-
am humildemente estas lições do cha-
mado rebotalho! Quanto a mim, eu quero
ver mais para compreender mais e amar
muito mais, —mas nesta luz. Só nesta luz.

ONTEM estiveram aqui a passar de
quinze camionetes de gente que
nos vem ver. Numa delas vinham
agarrados dois farrapões, escondidos á
vigilância, com muitos quilómetros de
viagem; e foram imediatamente notados
pelo Zé de Arouca e Pirulas, os sicero-
nes máximos daquele dia. Como é sabido,
êste Zé de Arouca foi quem inventou a
presença de uma bandeja de prata sobre
a mesa da sala de entrada na chamada
casa Mãe; e muitos senhores têm caído
e caem, como também, já foi aqui anun-
ciado. Ora os dois sicerores, mal viram
os dois garôtos das camionetes, compre-
enderam o perigo vieram-mo comunicar
e plantaram-se imediatamente de guarda.
Todo o santo dia estiveram no que eles
julgaram o seu lugar. Eles já foram
como os outros e sabiam perfeitamente
como e a quem as faziam...! Eu não sus-
pettei dos garôtos estranhos, nem man-
dei estes de casa fazer o que fizeram.
Mas como eles têm plena liberdade de
pensar e de agir, eis.

AGORA são batatas; os escravelhos
das batatas. Temos um grande
campo delas, imediatamente a seguir
ao da bola. Mal os mais pequenos ac-
bam a sua obrigação aí vão eles catar.
Levam latas e baldes e canudos e pratos
fundos e caixas e cestos e em mais que
eles podem ari anjar. Depois da colheita,
aonde quer que eu esteja, vão mostrar.
Eu hei de ver tudo. Eu hei de ouvir
tudo. Eu hei de dar a sentença de quem
apanhou mais. Não sei dizer do tamanho
da verdadeira praga; se escravelhos se
rapazes.

O Faisca fez anos. Não sei quantos
mas fêz. E sei que fêz porque já
de véspera me começou a seringar
e no dia, então é que foi. O Faisca
queria uma prenda; queria em todo o
modo uma prenda. Para me ver livre
dêle, prometi-lhe vagamente uma coisa.
Uma coisa, disse. Eu acho que em todas
as línguas existe esta palavra com o
mesmo significado; ela diz tudo e serve
para tudo; uma coisa. Pois Faisca perse-
guia-me: *Então a coisa; que coisa me
dá?* Conversamos e ele escolheu.
Estava eu no «Morris» a caminho do
Porto, quando ele me traz a lembrança.

*Não se esqueça
do meu livro do
Novo Testamento.*
*U' grande amigo
dighringal Floriano*
Faisca

ESTEVE aqui uma deputação do
Estado de Minas Gerais do Brasil,
com o fim de tomar contacto com a
nossa vida e conhecer os seus regu-
lamentos. O mesmo se diz de uma outra
deputação dos Açôres. E também a
junta de Província daquele Arquipélago,
nos pede informações oficialmente. Em-
vão procurar conhecer o nosso sistema,
porque também nós não temos regras
nem regulamentos. Nós abrimos as por-
tas, e abrimos as almas e tentamos
humildemente uma aproximação do que
foi a vida familiar na Casa de Nazaré.

NOTÍCIAS DE COIMBRA

1 Já temos os lavatórios prontos e
agora só faltam a garagem e a
cozinha do forno que já vão muito
adiantadas.

2 Já cá temos um bonito jardim
e um jardineiro e este, quando
vai cortar a relva, corta-a com uma
foice deixando-a muito mal cortada.

3 Já não estamos esquecidos de-
todo. Temos recebido alguns visi-
tantes que têm deixado alguns cobres.
Mais uma vez dizemos que o Nosso-
Lar fica na «Quinta do Cidral» —
Cumada — Coimbra.

Isto é para não dizerem que não
sabem onde moramos.

4 Dantes iam os rapazes proceder á
venda de «O Famoso» com rou-
pas já muito usadas e mal ajanbradas.
(Isto é á nossa moda). Reconhecendo
isto, um dos nossos benfeitores man-
dou-nos cinco blusas de malha e agora
os vendedores já parecem alguém.

5 As costureiras levam uma vida
muito má porque os miudos andam
sempre metidos na terra e por isso
sujam-se muito.

6 Um dia destes foram os três mais
pequenos ás ameixas. Depois de
comerem, o mais pequeno dos tres
veio acusar os outros dois mas também
se veio a descobrir que o acusador
era criminoso.

Foram os tres castigados e o castigo
foi de estarem um certo tempo de pé
separados uns dos outros.

Daí a algum tempo o mais miudo-
saiu do lugar onde estava, veio ter
com o Senhor Padre Manuel á rou-
paria e disse:

—Chiô Padê Manel: agente pode
vê bo' água?

O Senhor Padre Manuel mandou-os
beber água e que fossem novamente
cumprir o castigo.

O Cronista:

E. PINTO